

Sete dias de cinema brasileiro

Ilustração: Zeluca

Homenagem a Leila Diniz

Uma exposição de fotografias de Leila Diniz vai ser aberta amanhã, às 10h, no Bamboo Bar do Kubitschek Plaza. Faz parte da homenagem que o Festival de Brasília presta aos 50 anos de nascimento da atriz brasileira que mais influenciou o comportamento feminino na década de 70.

No mesmo local, das 12h às 18h, uma mostra vai exibir alternadamente seis filmes em vídeo. Pena que ficou de fora a deliciosa comédia *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira (67), o filme que melhor fixou a imagem de Leila Diniz. (SB)

**Festival de Brasília será aberto
hoje com exibição de O Quatrilho.
A competição começa amanhã**

Sérgio Bazi
Especial para o Correio

A 28ª edição do Festival de Brasília, criado há 30 anos pelo professor e crítico Paulo Emílio Salles Gomes, começa hoje com a exibição somente para convidados de *O Quatrilho*, de Fábio Barreto, que entra em cartaz sexta-feira na cidade.

Sete longas-metragens, 11 curtas e um média compõem a mostra competitiva em 35 mm, que será aberta amanhã com *O Mandarim*, de Júlio Bressane. E este ano volta a ser apresentada nos cinemas Lara (Taguatinga) e Itapoã (Gama). Mesmo quem não tem saco para o ludismo radical do cineasta vai querer ver o filme em que Gilberto Gil, Gal Costa, Chico Buarque, Edu Lobo e Caetano Veloso interpretam Sinhô, Carmen Miranda, Noel Rosa, Villa-Lobos e Caetano Veloso.

Bressane não faz filmes para todos os paladares, mas é um dos favoritos do festival. Vale lembrar que ele foi duas vezes premiado em Brasília: em 81 com *Tabu* (melhor filme), em 89 com *Sermões*.

O novo delírio semiótico de Bressane tem menos a ver com os curtas do programa de quinta (*Gain Pañan* e *Caligrama*) que com *A Primeira Sessão de Cinema*, compilação de fragmentos restaurados dos primeiros filmes dos irmãos Lumière, também atração da noite.

Afinal, *O Mandarim*, que cruza diversas citações a partir da figura do cantor Mário Reis, também se refere a pioneiros do cinema, como Thomas Edison, os irmãos Segretto — que em 1897, na baía de Guanabara, fizeram as primeiras filmagens no Brasil —, além dos próprios Lumière.

Inquisição — O brasileiro-lusita-

no *O Judeu* reconstitui a Lisboa do século 18 para contar a história do dramaturgo brasileiro Antonio José da Silva, perseguido pela Inquisição.

Uma das mais conturbadas produções do cinema brasileiro, *O Judeu* teve suas filmagens interrompidas por falta de dinheiro em 87, e só retomadas este ano. É o terceiro longa de Jom Tob Azulay, o diretor de *Doces Bárbaros* e *Corações a Mil*. E tem sua primeira exibição pública em Brasília.

Felipe Pinheiro e Dina Sfat, já falecidos, encabeçam o elenco que mistura atores brasileiros (José Lewgoy, Fernanda Torres, Cristina Aché) e portugueses (Mário Viegas, Ruy de Carvalho, Curado Ribeiro).

O documentário *No Rio das Amazonas* e o filme de episódios *Felicidade É...* concorreram no Festival de Cinema Latino de Gramado. O primeiro, estréia no longa de Ricardo Dias, ganhou elogios mas o segundo é que levou os prêmios de melhor produção brasileira e do júri popular.

Felicidade É... reúne histórias de casais filmadas por quatro festejados curta-metragistas — Jorge Furtado, Cecilio Neto, José Roberto Torero e Pedro Goulart — e interpretadas por atores como Paulo Auran, Jofre Soares, Débora Bloch e Denise Fraga.

Uma curiosidade: *Glaura*, deveria ser o quinto episódio, mas o diretor Guilherme de Almeida Prado se desentendeu com a produção e ficou de fora do filme. O episódio de Guilherme ganhou vida própria e estréia como curta na mostra oficial.

Filmes dividem crítica

Dezesseis Zero Sessenta, estréia no cinema do publicitário Vinicius Mainardi, é uma sátira social com pitadas de humor negro. No elenco, Maitê Proença, Antonio Calloni e Marcélia Cartaxo. Não recebeu comentários muito favoráveis quando de sua exibição na Mostra Banco Nacional.

Já *Enredando as Pessoas*, primeiro filme do premiado videomaker Eder Santos, também apresentado na mostra, dividiu opiniões. Rodado na Espanha e Brasil, com atores dos dois países, o filme não tem diálogos e sim monólogos, falados em espanhol.

É a história de um profeta que tem o poder de projetar suas visões em suas andanças pelo mundo. Como declarou o diretor, que combina recursos do cinema e do vídeo, o filme "é parecido com Tarkovski".

Diretamente de Cascavel, no Paraná, chega *Frenteira Sem Destino*, de Antonio Marcos Ferreira. É uma aventura policial calcada no modelo americano do filme de ação, com direito a efeitos especiais, tiros, explosões e perseguições de lanchas e automóveis.

A trama gira em torno de quadrilhas rivais que atuam na região que faz fronteira com o Paraguai e lidando com drogas, armas contrabandeadas e carros roubados. Até agora só foi visto em Cascavel, porém as más línguas ariscam um palpite, de resto sugerido pelas fotos de cena: perigo ser uma versão sulista dos inqualificáveis banguês-banguês candangos de Afonso Brazza.



MOSTRA

Toda Mulher Quer ser Feliz,
de Luiz Carlos Lacerda
Mãos Vazias,
de Walter Hugo Khoury
Os Paqueras,
de Reginaldo Farias
Azylo Muito Louco,
de Nelson Pereira dos Santos
Leila Diniz,
de Luiz Carlos Lacerda
Fome de Amor,
de Nelson Pereira dos Santos

Duas produções de brasilienses

Dois produções brasilienses participam da mostra de curtas em 35 mm: *Aporo*, de Eduardo Belmonte, e *Três*, de André Luís da Cunha.

Inspirado no policial noir dos anos 40, *Aporo* conta a história de um investigador no encalço de um serial-killer. Murilo Grossi, Carmen Moretzsohn, Bidô Galvão, Marisa Campos e Dora Wainer, nomes conhecidos do teatro brasiliense, fazem o elenco. Marcelo Guima compôs a música do filme.

Grossi também atua em *Três*, onde forma um triângulo amoroso com João Paulo Oliveira e Cibele Amaral. As bandas brasilienses Oz e Low Dream marcam presença na trilha-sonora.

O Quatrilho abre a festa

Em seu quarto longa-metragem, o diretor Fábio Barreto conseguiu fazer de *O Quatrilho* um estímulo capaz de levar o espectador de volta aos cinemas para assistir filmes nacionais.

O Quatrilho, que relembra a saga de colonos italianos que no início do século migraram para o Rio Grande do Sul, é um filme bem produzido técnica e esteticamente. Da fotografia à música-tema de Caetano Veloso.

A história é bem contada, embora em alguns momentos o roteiro chegue a ser lento e um pouco enfadonho. No balanço final, Barreto conseguiu fazer com 1,8 milhão de dólares um filme que poderia ser comparado aos padrões de Hollywood.

Baseado no romance de José Clemente Pozenato, *O Quatrilho* conta a história da troca dos casais Teresa (Patrícia Pillar) e Angelo (Alexandre Paternost) e Pierina (Glória Pires) e Máximo (Bruno Campos).

Logo nas primeiras cenas, o espectador é conduzido pelo diretor a concordar com a troca dos casais. Tudo se justifica não só pelo temperamento, mas até pela estatura dos atores — vê-se que Teresa está mais para Máximo, assim como Pierina está para Angelo. (Natal Eustáquio)

zeluca